

# FORÇA NAVAL DO NORDESTE

## A Esquadra Brasileira na 2ª Guerra Mundial

Lucas Lopes Whately\*

*Alocução proferida durante a cerimônia alusiva ao 80º Aniversário de Criação da Força Naval do Nordeste (FNNE), realizada na sede da Esquadra, em 19 de outubro de 2022.*

**E**m síntese apertada, a missão da Marinha do Brasil na 2ª Guerra Mundial foi patrulhar o Atlântico Sul e proteger os comboios de navios mercantes que trafegavam entre o Mar do Caribe e o nosso litoral sul contra a ação dos submarinos e navios corsários do Eixo. Foi uma luta constante, silenciosa e – infelizmente – pouco conhecida pelos brasileiros.

Sua atuação ocorreu na campanha que entrou para a história como a “Batalha do Atlântico”, cujo objetivo era a manutenção das linhas de comunicação marítimas entre o continente americano, a Europa e a costa ocidental da África.

Em 1940, no início da guerra, a Marinha estava desatualizada tecnologicamente se comparada com as Marinhas europeias e com a ascendente Marinha norte-americana. Era clara a vulnerabilidade de nosso Poder Naval para o enfrentamento da guerra antissubmarino. Não possuíamos sensores adequados, nem adestramento para o combate contra os submarinos do Eixo. A doutrina antissubmarino era baseada ainda nas lições aprendidas com a nossa parti-



cipação na 1ª Guerra Mundial, muito diferente do que já vinha ocorrendo, desde 1939, nas águas do Atlântico Norte e do Mediterrâneo. Nossos estrategistas navais esperavam um outro tipo de guerra e, também, outros possíveis adversários.

A partir de 15 de agosto de 1942, e em apenas cinco dias, um único submarino inimigo afundou seis navios brasileiros dedicados às linhas de cabotagem, vitimando mais de seiscentas pessoas. Foi um choque para o povo brasileiro, reverberado pelas manchetes dos jornais e por manifestações de rua nas maiores capitais, todas clamando pela guerra. A violência dos ataques de agosto levou à declaração de Estado de Beligerância com a Alemanha em 22 daquele



mês e, finalmente, ao Estado de Guerra contra o Eixo no último dia de agosto. A partir de então, era necessário defender a liberdade, o território e as famílias brasileiras. Era necessário remodelar os sonhos em face de uma ameaça que devia ser neutralizada.

Do ponto de vista operacional, a primeira ação de resposta, que logo se mostrou bastante

eficaz, foi a organização dos comboios nos portos nacionais, prática já comum no Atlântico Norte. Os comboios que partiam e chegavam aos portos brasileiros eram escoltados por navios da Marinha do Brasil e da *US Navy*.

Para tanto, era imprescindível uma base que fosse capaz de apoiar os navios em operação no Atlântico Sul. Nesse sentido, destacou-se o Almirante Ary Parreira, designado para Chefe da Comissão de Instalação da Base Naval de Natal. O desafio era imenso porque a região, naquela altura, não dispunha de infraestrutura para suportar o empreendimento.

Nesse contexto, a criação da Força Naval do Nordeste, em 5 de outubro de 1942, foi parte de um rápido e intenso processo de reorganização das nossas forças navais para se adequar à situação de conflito.

Sob o comando do Almirante Alfredo Carlos Soares Dutra, a recém-criada força foi inicialmente composta pelos Cruzadores “Bahia” e “Rio Grande do Sul”, Corvetas “Carioca”, “Caravelas”, “Camaquã” e “Cabedelo” e os Caça-Submarinos “Guaporé” e “Gurupi”. A ela seriam acrescidos o Tênder “Belmonte”, caça-submarinos, contratorpedeiros classe “Marcílio Dias”, contratorpedeiros de escolta e submarinos, constituindo finalmente a Força-Tarefa 46 do Comando do Atlântico Sul, colocada sob o comando operacional da 4ª Esquadra da *US Navy*.

Uma das missões mais honrosas da Marinha durante a guerra foi escoltar os navios que transportaram para os campos de batalha europeus a Força Expedicionária Brasileira, a FEB. O primeiro escalão da FEB foi escoltado pelos contratorpedeiros “Mariz e Barros”, “Marcílio Dias” e

“Greenhalgh”, até ao largo de Recife, quando foram rendidos por unidades norte-americanas, que escoltaram o transporte da tropa de compatriotas até Gibraltar.

Porém, o ganho operacional e material proveniente da participação na guerra parece ínfimo, mesmo pequeno, quando reconhecemos que aqueles anos de combate nos custaram

muitas vidas. As perdas brasileiras na guerra no mar somaram mais de trinta navios mercantes com um total de 982 mortos. Além disso, três navios de guerra brasileiros foram a pique em consequência das fatigantes operações no mar: a Marinha do Brasil perdeu 492 dos seus homens.

A primeira perda da Marinha foi o Navio Auxiliar “Vital de Oliveira”, torpedeado por submarino alemão. Morreram nesse ataque 99 patriotas.

A segunda perda foi a Corveta “Camaquã”, que afundou devido a um violento golpe de mar. Outros 33 militares morreram.

Por fim, o mais grave desastre enfrentado pela Marinha durante a 2ª Guerra Mundial foi o afundamento do Cruzador “Bahia” no dia 4 de julho de 1945, quando 337 homens morreram. Três infortúnios e 469 mortos, sem contar os 23 militares mortos em acidentes em outros navios de guerra e em navios mercantes afundados, elevando o total para 492.

A Força Naval do Nordeste concluiu sua missão em 7 de novembro de 1945 e regressou ao Rio de Janeiro em seu último cruzeiro. A sua curta, árdua e intensa vida operativa contribuiu sobremaneira para a livre circulação nas linhas de navegação do Atlântico Sul e certamente em muito somou para o esforço geral de guerra aliado.

Foram comboiados 3.164 navios, sendo 1.577 brasileiros e 1.041 norte-americanos, em 254 comboios de ida e volta. Considerando esse número de navios e as perdas em comboio, chegamos à conclusão de que cerca de 99% dos navios protegidos atingiram os seus destinos.

Ao término da guerra, a Marinha do Brasil dispunha de maior capacidade para controlar áreas marítimas e sem dúvida de maior poder dissuasório. Além disso, pode-se afirmar que houve uma mudança de mentalidade operacional na Força, com a assimilação de novas táticas de combate, bem como a incorporação de meios modernos. Por ter participado de ações de guerra, a Marinha adquiriu a experiência do combate. Tal experiência foi fundamental para forjar as futuras gerações de homens do mar, familiarizando-os com a vida dura da guerra antissubmarino.

A guerra também oferecia outra percepção: a de que a logística ocupa um lugar fundamental na manutenção de uma força combatente. Isso resultou a edificação e organização de bases, estações navais e outros pontos de apoio logístico no nosso litoral.

É mister ressaltar que a guerra nos aproximou, pelas décadas seguintes, da Marinha dos Estados Unidos e de suas doutrinas navais, com ênfase na guerra antissubmarino.

Finalmente, a guerra no mar mostrou que, no caso do Brasil, em um conflito generalizado, as nossas linhas de comunicação se tornam os alvos prioritários. Assim aconteceu em 1917 e, depois, em 1942. Somos atores relevantes do comércio marítimo e não podemos estar despreparados mais uma vez! Essa constatação é estratégica e histórica.

Mas, sem dúvida, o maior legado da guerra é a constatação de que jamais fugiremos de nossas responsabilidades e de nosso dever! Defenderemos nossa liberdade, nossa terra e nossas famílias a qualquer custo! A exemplo do que as gerações de veteranos já provaram, mesmo que não tenhamos os meios de combate ideais, temos o espírito preparado! Graças a eles, somos soberanos enquanto nação livre, podemos olhar nos olhos de nossos familiares, projetar um futuro de prosperidade e imaginar felicidade para nossos filhos e netos! Passado, presente e futuro se entrelaçam em seu sacrifício pelo Brasil!

A vitória reverencia aqueles que têm coragem! E o tempo elege os que triunfaram e gravaram seus nomes nas páginas da História! Tudo pela Pátria! Viva a Marinha! ■

#### REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Armando de Senna (org.). *Introdução à História Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: SDM, 2006.
- CASTRO, Pierre Paulo da Cunha. “A Marinha na Segunda Guerra Mundial”, in BARBOSA JÚNIOR, Ilques & ABREU, Guilherme Mattos de (orgs.). *Marinha do Brasil: Síntese Histórica*. Rio de Janeiro: SDM: 2018.
- CESAR, William Carmo. *Uma História das Guerras Navais. O desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013.
- GAMA, Arthur Oscar Saldanha da; MARTINS, Hélio Leôncio. “Participação da Marinha Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Técnicas e táticas Antissubmarino – Organização dos comboios”, in GAMA, Arthur Oscar Saldanha da; MARTINS, Hélio Leôncio (orgs.). *História Naval Brasileira*. Vol. V; T. II. Rio de Janeiro: SDGM, 1985, p. 330-434.
- TEMPONE, Vitor. “A Batalha do Atlântico e o Brasil na Segunda Guerra Mundial”, in *Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*, Rio de Janeiro, SDM, Vol. 9, n° 18, 2014, p. 80-102.

---

\* Aspirante da Escola Naval